

TREZE

MAIO

Publicação nº 29 | 2022 | Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade da Universidade de Évora

INOVAÇÃO E ALENTEJO VS. ALENTEJO E INOVAÇÃO

Ana Costa Freitas

ALENTEJO VS INOVAÇÃO

António Ceia da Silva

ALENTEJO UMA MONTRA PARA O MUNDO

Ana Filipa Fixe



TREZE



16509 acessos via portal

www.uevora.pt/innovar/gaitec/treze



176265 pessoas alcançadas

@uevora | @D!C2E



//EDITORIAL

INOVAÇÃO E ALENTEJO VS. ALENTEJO E INOVAÇÃO

Quando se fala sobre inovação, hoje em dia quase uma palavra de "moda", queremos realmente dizer o quê?

O que é inovação? Quando inovamos?

O conceito de inovação é muito utilizado no contexto empresarial, ambiental ou mesmo económico em que ato de inovar significa criar novos caminhos ou novas estratégias para atingir objetivos que não conseguimos atingir com os procedimentos usuais.

Inovar é, no fundo, inventar, sejam ideias, processos, ferramentas ou serviços.

A ideia de inovação não deve ficar apenas associada à invenção de novos produtos, serviços ou tecnologias, mas também ao valor ou conceito de determinada coisa, como por exemplo o desenvolvimento de uma região.

Por outro lado, a base para um crescimento e desenvolvimento sustentável (que em si mesmo contenha todos os modelos de sustentabilidade, ambiental, humana, económica, financeira, energética, etc....) é o conhecimento!

Só avançamos no conhecimento com investigação!

Em resumo podemos dizer que só iremos liderar a inovação através da investigação. Investir na investigação e na inovação é investir no futuro. Só com esta aposta seremos capazes de contribuir para solucionar alguns dos maiores desafios com que se confronta a nossa sociedade.

Passemos ao Alentejo.

Quais os maiores desafios?

Demografia, sustentabilidade do ecossistema, falta de mobilidade, envelhecimento, falta de empregos qualificados, alteração climáticas entre outros.

Em resumo a questão que nos devia envergonhar a todos: abandono de 1/3 do território nacional (para não falarmos nos habitantes deste 1/3 do território).

A universidade de Évora é parte integrante deste ecossistema.

Compete à universidade estar atenta a esta questão.

E está.

Estivemos sempre na linha da frente não só pelas áreas âncora que criámos para a nossa estratégia de desenvolvimento, que trouxeram para Évora empresas inovadoras, que respondem a desafios que enfrentamos como o aeroespacial p.e., ou a nova central de produção de energia com sais fundidos, recentemente inaugurada, como pelo investimento na produção de conhecimento estruturante para o desenvolvimento da investigação em saúde, com a aprovação do centro académico clínico C- Trail, ou ainda na instalação do Instituto Fraunhofer AWAN em instalações da universidade, ou a participação em laboratórios colaborativos, a criação de laboratórios associados, o sucesso do PACT, que em oito anos passou de 0 para 2 edifícios com mais um a caminho, e finalmente o Campus Sul, capaz de vir a inovar no modelo de ensino superior em Portugal.

Esta foi uma estratégia de investigação e inovação centrada na universidade sim, mas principalmente virada para beneficiar a região.

Nada se faz sozinho, estabelecemos redes com outras universidades nacionais e internacionais, envolvemo-nos na criação de emprego qualificado, enriquecemos, principalmente através do PACT, a capacidade empresarial da região.

A TREZE ajudou muito a dar a conhecer a qualidade do que fazemos, porque fazemos com quem fazemos mas, principalmente, ajudou-nos a refletir ou expor opiniões de atores tão diversos e de áreas e visões tão diferentes da sociedade.

Estimulou a discussão e é da discussão que surge a inovação, a investigação cresce, se desenvolve e se transmite o conhecimento.

E inovámos! Precisamos, mesmo, de não desistir!

A mudança é necessária! É inevitável, e é o que nos faz caminhar.

Quando se pára, por momentos que sejam, atrasamo-nos MUITO.

O mundo gira a uma enorme velocidade, não há lugar para abrandamentos, a inovação constrói-se no dia-dia não de mês a mês.

//ALENTEJO VS INOVAÇÃO



Numa economia de serviços e conhecimento, os principais fatores de diferenciação, dinamismo e desenvolvimento sustentado, são a inovação e a capacitação das pessoas e não apenas os recursos e as infraestruturas. Neste contexto, aliar novas aplicações, experiência e conhecimento científico, é uma tarefa árdua, exigente e tendencialmente mais participada, articulada e eficiente, no sentido da abertura de novos horizontes, mercados e oportunidades.

Entendida como componente fundamental do desenvolvimento socioeconómico, a inovação é uma atitude perante a vida que suscita novos desafios e induz ajustamentos sociais, impulsionando avanços no conhecimento e na investigação que, por sua vez, geram mudanças e novos processos inovadores. Os processos de inovação apresentam também externalidades positivas relacionadas com a sua capacidade de arrastamento a outros setores de atividade e empresas, através da difusão do conhecimento

e da transferência de tecnologias, com claros impactos ao nível da criação de emprego, e em particular emprego qualificado, e da fixação da população, contribuindo positivamente para o crescimento demográfico.

No Alentejo, integrando as várias instituições do conhecimento e abrangendo dinâmicas de investigação, transferência e valorização do conhecimento, o Sistema Regional de Inovação tem registado evolução interessante em vários domínios de reforço competitivo da região, relacionados com a agricultura, a energia, a aeronáutica, a saúde, o património, o turismo e a inovação social, entre outros.

Sem tirar o mérito a outros bons exemplos, mas procurando evidências mais atuais, uma referência para o projeto de implementação da infraestrutura científica orientada para a investigação sobre a tecnologia solar de concentração, desenvolvido e operado pela Universidade de Évora em parceria com a Agência Aeroespacial Alemã. Numa perspetiva de rede e mostrando como as instituições de conhecimento regional podem integrar parcerias transnacionais e fomentar o surgimento de polos aglutinadores de empresas e inovações tecnológicas em domínios relevantes para o desenvolvimento da Região. E abrindo a possibilidade para o reforço do trabalho em rede, juntamente com as outras instituições de conhecimento instaladas no Alentejo e que também já têm trabalho desenvolvido sobre estas temáticas das energias renováveis e da transição energética.

No desenvolvimento do Alentejo o papel do ensino superior é igualmente importante por-

que a transformação do paradigma produtivo em curso na Região suscita a procura de novas qualificações e processos de reconversão de competências, em estreita articulação com as estratégias de atração de investimento.

Em termos programáticos, as propostas da **Estratégia Regional Alentejo 2030** relacionadas com a consolidação do Sistema Regional de Inovação dão relevância à valorização do conhecimento para o desenvolvimento de um modelo socioeconómico capaz de potenciar a riqueza dos recursos naturais e produtivos da Região e a sua excelência ambiental. Igual relevância consta da Estratégia Regional de **Especialização Inteligente 2030**, onde a Inovação tem um papel fundamental, combinando ativos com processos produtivos e tecnológicos de base empresarial e de empreendedorismo.

Com racionais que assentam no estímulo ao ecossistema de inovação, ao reforço das cadeias produtivas regionais, incorporando conhecimento, integrando redes de valorização de ativos e incrementando a qualificação dos recursos humanos regionais. Nos domínios mais tradicionais e nos emergentes, nomeadamente através da mobilização de novas qualificações, de base superior e avançada, mas também da reconversão de competências profissionais expostas às transformações dos sistemas de trabalho resultantes da disseminação da inovação e das tecnologias.

Relativamente à programação, no **PO Regional Alentejo 2030**, principal instrumento de financiamento da estratégia regional, a aposta na inovação mantém-se como pilar central no objetivo de alterar o perfil de especialização da região, aumentando o valor acrescentado da

oferta regional e promovendo a ascensão das empresas do Alentejo nas cadeias de valor nacionais e internacionais e o ganho de quotas de mercado. Considerando que a inovação e o conhecimento constituem fatores chave para o aumento da produtividade e do crescimento económico, contribuindo para a melhoria do processo produtivo, através da promoção da utilização de tecnologias mais eficientes, e para o aumento da qualidade e do valor acrescentado dos produtos e serviços.

Neste sentido, as instituições de ensino superior do Alentejo (Universidade de Évora, Institutos Politécnicos de Beja, de Portalegre e de Santarém), são imprescindíveis para a criação e transferência de conhecimento, sendo fundamental que estas duas vertentes se fertilizem mutuamente, privilegiando respostas dinâmicas nos domínios prioritários da EREI Alentejo. E nesta perspetiva de especialização regional, é também importante a aposta na dinamização das Instituições de Ensino Superior e das unidades de I&D regionais através de plataformas que valorizem as escolhas da Estratégia Regional de Especialização Inteligente Alentejo 2030 e beneficiem dos investimentos existentes (PACT, Rede de incubadoras, Centros Tecnológicos e de Competências...).

Como instituição facilitadora e dinamizadora do desenvolvimento, com papel ativo em termos de planeamento, coordenação e articulação das várias políticas setoriais, a CCDR Alentejo é um *player* relevante para o desenvolvimento da Região. Desde a dinamização de processos, iniciativas e ações de envolvimento dos principais *stakeholders* regionais até à participação direta no acompanhamento de projetos relevantes para a Região. Com base

numa opção determinada de desenvolvimento sustentável, procurando desafiar o futuro e apostar numa perspetiva renovada de mudança, contando com o impulso importante dos Fundos Europeus e com o envolvimento dos parceiros regionais.

*António Ceia da Silva,
Presidente da Comissão
de Coordenação e Desenvolvimento
Regional do Alentejo (CCRD-A)*



// O PAPEL DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA NA REGIÃO



O Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), com os seus 141 trabalhadores não docentes e 282 professores, oferece 17 Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP), 16 licenciaturas, 15 mestrados e 4 pós-graduações, num total de 52 cursos frequentados por aproximadamente 3000 alunos que beneficiam de um ensino de proximidade baseado no aprender fazendo. O IPBeja é uma instituição com boas condições infraestruturais, com quatro escolas e edifícios de serviços comuns e de apoio sediados num campus aprazível, qualificado (*Healthy Campus*) e funcional. O *campus* proporciona ainda contato direto com generosas zonas de lazer e de atividade física e com excelente articulação com o centro da cidade de Beja, a que acrescem extensos campos de experimentação agrícola. As instalações do IPBeja permitem enriquecer a região com bibliotecas, auditórios, galerias, salas de aula, laboratórios de pesquisa, observatórios, centros de testagem, campos de futebol e equipamentos desportivos. A Existência

do Centro de Transferência de Conhecimento (CTC) contribui para a realização de ações de transferência de conhecimento e tecnologia entre o IPBeja e a comunidade regional e nacional.

Estrategicamente o IPBeja pretende intensificar a relação com a comunidade através de uma maior aproximação com as empresas e outras entidades públicas e privadas (lucrativas e não lucrativas) da envolvente regional e nacional. É imperativo aumentar a qualidade da relação com todos esses atores, envolvendo-os nas diversas iniciativas do IPBeja e estimulando a realização de iniciativas conjuntas de interesse mútuo. O sucesso desta relação passa por uma maior consciencialização interna da importância da transposição do conhecimento produzido para a economia e de uma sensibilização das empresas e outras entidades para uma maior aposta no I&D como forma de darem o salto para um ecossistema de inovação. A dinamização da prestação de serviços à comunidade (incluindo atividades de promoção cultural, artística e desportiva) constitui também um dos desafios do IPBeja.

O IPBeja representa ainda para a região muito mais do que uma Instituição de Ensino Superior, constitui-se como um polo de atração de pessoas, de emprego e um dinamizador da economia local. Segundo o estudo publicado em 2016 pelo Conselho Coordenador dos Institutos Politécnicos, cada aluno contribui anualmente para a economia local com 6850 Euros e os docentes e demais trabalhadores apresentam um impacto na economia local de aproximadamente 13%.

O IPBeja é também um fator de melhoria da produtividade regional, pois contribui para o aumento das qualificações profissionais e das atividades de desenvolvimento e investigação aplicada.

As dinâmicas populacionais também sofrem impactos diretos com a presença do IPBeja, pois a população do IPBeja representa cerca de 10% da população do Concelho e a maioria dos estudantes provém de regiões exteriores ao Município de Beja. A região oferece uma qualidade de vida e segurança invejáveis, tornando-a diferenciadora e atrativa. O processo de internacionalização e mobilidade de alunos e docentes, contribui igualmente para a economia local e para minimizar a sua baixa densidade demográfica.

*Maria de Fátima Carvalho,
Presidente do Instituto
Politécnico de Beja (IP-Beja)*



//CARO ALENTEJO, JUNTOS INOVAMOS MAIS...



Vivemos tempos de grandes e aceleradas mudanças, com níveis de imprevisibilidade e de incerteza sem precedentes, mas que ao mesmo tempo nos oferecem renovados caminhos e oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

As grandes transições: climática, energética, digital, demográfica, migratória e sociocultural - pelas enormes alterações que irão desencadear, reforçam a centralidade e o papel das instituições de ensino superior e dos centros de investigação enquanto infraestruturas de investigação, de inovação e de conhecimento forçando-os a assumir, as tarefas que as novas gerações e o planeta exigem.

Num período em que os modelos tradicionais de ensino, investigação e transferência de tecnologia vivem momentos disruptivos, resultantes, em grande parte, da apropriação de mais e melhor tecnologia e de mais e melhores ferramentas de comunicação e interação, torna-se imperativo apostar em metodologias

que tirando partido da inovação e do conhecimento favoreçam o empreendedorismo e o desenvolvimento de modelos de negócio mais competitivos e capazes de dinamizar a região, que apesar do enorme potencial existente continua a perder população. E a verdade é que apesar de conhecermos a realidade dos números, que de forma oficial, anunciam aquilo a que todos temos assistido ao longo dos últimos anos, o problema não se prende apenas com a perda de população. O problema agudiza-se porque não perdemos uns quaisquer... perdemos essencialmente jovens e isso torna ainda mais complexo o problema que temos em mãos!

Urge por isso implementar estratégias capazes de mitigar os efeitos da interioridade e combater aquilo a que costumo chamar, em jeito de brincadeira, o planeamento de "rabo na boca" em que não há porque não se faz, e não se faz porque não há. Somos aquilo que somos e devemos ter orgulho nisso! Pois embora existam fatores exógenos, muitas vezes incontrolláveis ou difíceis de prever, existe também um largo número de fatores endógenos, que temos a responsabilidade de explorar, e que em conjunto permitirão que nos tornemos mais competitivos e mais inovadores, aumentando a nossa capacidade de atração de talento, que funcionará como mecanismo de reforço positivo do sistema de inovação regional.

Temos o diagnóstico! Importa agora definir qual a melhor estratégia e qual a forma da sua implementação. Conhecemos as limitações da nossa região. Conhecemos os problemas da acessibilidade, da conectividade e da capaci-

dade de atração, mas não podemos esquecer daquilo que as gentes e os decisores deste território foram capazes de fazer ao nível da consolidação do seu posicionamento estratégico em vários setores.

Porém, apesar de os últimos anos terem permitido reforçar o papel na região em vários setores, estamos perante um cenário em que a sustentabilidade do crescimento só será possível com a apoio e contributo de todos.

Este, é um desafio de todas entidades públicas e privadas da região e um desafio que carece em particular, de um compromisso por parte de todos aqueles que operam sobre este território... e é aqui que mais uma vez **COLABORAR FARÁ TODA A DIFERENÇA**, não só no que diz respeito ao potencial de inovação e desenvolvimento regional, mas também no que se refere à capacidade de nos tornarmos mais competitivos num país, ainda, demasiado desequilibrado do ponto de vista da ocupação territorial.

*Luís Loures,
Presidente do Instituto Politécnico
de Portalegre (IP- Portalegre)*



//ALENTEJO - LUGAR DE DESAFIOS, OPORTUNIDADES, AUDÁCIA E INOVAÇÃO



(...) O Alentejo, visitado por alguém que leve consigo a capacidade emotiva e compreensiva de um verdadeiro curioso, é um Sésamo que se abre. As suas fainas, os seus costumes, as mudanças impressionantes do seu rosto quando tem frio ou quando tem calor, os seus trajes e a sua própria fala - são outros tantos motivos de meditação e admiração.

Não há outro português mais rico de pão, agasalhado por tão quente manta de céu e dono de tantos palmos de sepultura. Que minhoto ou estremenho se pode gabar de ver sempre o vultodum seu irmão, que não tem medo da imensidade, a abrir um risco de fogo e de esperança com a ponta da charrua?(...)

Miguel Torga, "Portugal"

Tantos escreveram e falaram deste lugar de oportunidades. Dos mais ilustres escritores e poetas nacionais, à poesia popular, feita entre os trabalhos no campo, os bordados ou as confeções de repastos.

Do passado e do presente, permanece que o Alentejo se vai desvendando a cada esquina.

Para quem nos visita, de coração aberto e com os sentidos profundamente apurados, como Torga dizia, tanto existe que impressiona e que é motivo de admiração, mesmo de atração.

Debaixo desta quente manta do céu, fomos arriscando. Fomos apostando em capital humano e económico. Fomos Alqueva e com todas as forças, criámos mais vida nesta região.

Incansavelmente continuamos a avançar, a ser progresso.

E esse cunho que imprimimos em cada ação, enquanto autarcas ou agentes públicos/ associados, continua a dar frutos.

Cada vez somos mais procurados por investidores. Todas as semanas somos auscultados, especialmente quem tem Parques Industriais como no Concelho de Vendas Novas, por novos e mais negócios e isso só comprova que aqui, neste lugar tão nosso e ainda, em muitas zonas, ainda não desbravadas, que mantêm a essência pura e dura, somos únicos. Porque desde o cumprimento, também existem coisas em nós que nos recusamos a mudar.

Continuar a inovar é imperioso. É importante a sinergia de esforços entre entidades para sermos mais. Vingar pela audácia. Apostar nos nossos quadros. Na fixação de novas gentes. No sangue novo que apostou em Instituições de Ensino Superior da Região, particularmente na Universidade de Évora.

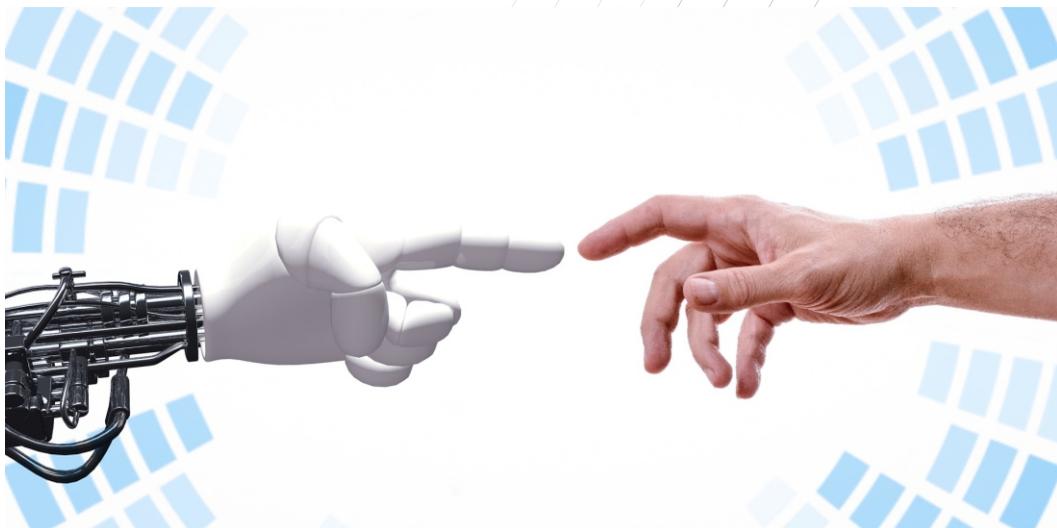
E aí, sem reservas, devemos exultar e regozijar-nos do trabalho fantástico que a Universidade está a desenvolver. A Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade e o seu forte laço com a sociedade

civil, têm sido transformadores. A promoção do empreendedorismo, estímulo à inovação, o apoio incedível a projetos transversais, garantindo sempre a questão da propriedade intelectual, são responsabilidades desta divisão que têm sido itens de charneira e seguramente apostas ganhas na ação deste organismo.

Ao apoiar os estudantes, desde o processo formativo, desde o momento em que entram pelas portas da Universidade, até à procura do seu primeiro emprego ou na criação da sua *StartUp*, demonstram a franca disponibilidade desta casa em ser mais do que uma transmissora de conhecimentos.

Os demais protocolos de cooperação estabelecidos com tantos agentes nacionais e internacionais, fazem da Universidade de Évora um potenciador do território, um valorizador de recursos, um fixador de gentes. E é mesmo disso que o Alentejo precisa para continuar a florescer, a desvelar-se. E com o Município de Vendas Novas, que honrosamente represento, poderão sempre contar enquanto fiel parceiro. Porque enquanto houver estrada para andar, esperança e sede de vencer, estaremos na linha-da-frente.

*Luís Carlos Piteira Dias,
Presidente da Comunidade Intermunicipal
do Alentejo Central (CIMAC) e Presidente
da Câmara Municipal de Vendas Novas*



//ALENTEJO UMA MONTRA PARA O MUNDO



A colaboração entre empresas, centros de investigação e universidades é nuclear para a economia da inovação e para a criação de valor na sociedade. Esta relação têm sido, desde há muito tempo, um pilar fundamental da investigação e desenvolvimento (I&D) das empresas - desde a criação de novas competências para a próxima geração de soluções, até servir como motor para a resolução de desafios empresariais de curto prazo e incrementais.

As empresas procuram as universidades para ancorar um conjunto cada vez mais amplo de atividades de inovação, especialmente as que se baseiam no envolvimento com ecossistemas de inovação regionais. Exemplos como Silicon Valley, Kendall Square em Cambridge (<https://kendallsquare.org/>) e o Block 71 em Singapura (<https://singapore.block71.co/>) estão entre os ecossistemas de inovação mais visíveis, onde as universidades são partes interessadas essenciais numa comunidade de

inovação que também inclui empresas, incubadoras, entidades governamentais, investidores e empresários. Assim, além de servirem como fontes de pessoas e ideias para as empresas, as colaborações universitárias são um mecanismo importante para as empresas que procuram abrir novas vias de envolvimento com um ecossistema de inovação mais amplo. Por outro lado, as universidades também procuram de forma ativa a colaboração com o mundo empresarial e as instituições governamentais para que a sua oferta formativa e seu conhecimento seja cada vez mais relevante na sociedade e na vida de cada pessoa.

As parcerias entre o ecossistema empresarial e as Universidades devem ser orientadas por modelos que definam: 1. Objetivos empresariais e académicos; 2. Parceiros e formatos de colaboração e 3. Ferramentas de avaliação para garantir que a parceria entrega valor às duas partes.

Como mencionado acima os ecossistemas academia-empresas de maior sucesso têm um ADN regional. Cada vez mais as universidades e os centros de investigação participam no desenvolvimento económico local como alavanca para terem um papel num palco global. Assim, será difícil imaginar um ecossistema de inovação e resiliente sem existir uma ligação profunda a universidades locais e regionais.

Portugal tem o desafio e a oportunidade de ser uma montra de inovação para o mundo através da sua capacitação humana e da criação de modelos de negócio que sejam nativamente digitais.

Como podemos ter um *hub* de inovação e de conhecimento que gere valor económico para Portugal e que permita atrair e reter talento em Portugal com empresas *made in Portugal, for the world*?

As regiões, como o Alentejo, têm necessidades muito específicas ao nível do território e da sua população, mas também a capacidade de poder formar competências e criar conhecimento aplicando as tecnologias emergentes em setores específicos, como a saúde, aeronáutica, agricultura e sustentabilidade ambiental, criando laboratórios vivos e verdadeiras oportunidades de inovação aplicada e testada para que possa ser aplicada a nível global.

O Parque do Alentejo da Ciência e da Tecnologia (PACT) pode e deve ser um acelerador de transformar ideias, inovação e conhecimento em novas soluções para Portugal e para o mundo através da criação de um ecossistema de ligações covalentes entre empresas e o mundo académico. Para tal é necessário estabelecer objetivos e compromisso das várias entidades do setor empresarial, do setor público e da área académica, com investimento para que a Inovação, a Imaginação e o Engenho prosperem a partir do Alentejo.

Uma sociedade com mais equidade baseia-se numa sociedade civil forte, mais capacitada, com recursos humanos qualificados, motivados e com capacidade de desenvolver e gerar valor, independente do seu ponto de partida.

*Ana Filipa Fixe,
Vogal do Conselho de Administração do PACT,
Executive Director, Glintt-Global Intelligent
Technologies SGPS SA*



// INOVAR NO ALENTEJO, MAIS QUE UMA OBRIGAÇÃO, UM DESÍGNIO



Há muito que está demonstrado que a conjugação entre a inovação, de base científica e tecnológica, e a promoção do potencial dos recursos endógenos de um território é um motor incontornável do desenvolvimento sustentado que ambicionamos.

Se inovar é "a introdução no mercado de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado ou a introdução de um processo de produção novo ou significativamente melhorado incluindo métodos de distribuição de produtos" (Manual de Oslo, OCDE), ainda estamos longe de poder dizer que há no Alentejo uma cultura de inovação dominante.

O tecido empresarial da região, caracterizado pela predominância das micro, pequenas e médias empresas, de base familiar ou semi-familiar, apresenta uma dinâmica produtiva expressiva assente na diversificação, com destaque para as atividades agrícolas, agroindustriais e da exploração de recursos geológicos e minerais, entre outros e tem vindo a evoluir de forma assinalável, sobretudo na última década. Contudo, muitas empresas

ainda se limitam a reproduzir ano após ano, mesmo década após década, as mesmas "receitas" de sempre, os mesmos produtos, a mesma imagem, para os mesmos mercados o que faz com que os indicadores de inovação empresarial da região sejam considerados débeis (Inquérito Comunitário à Inovação - CIS 2014).

Mas há um caminho a ser percorrido. São cada vez mais as que integram na sua estratégia de crescimento mecanismos de constante inovação a todos os níveis da cadeia de produção. São também cada vez mais as que recorrem aos centros de produção de conhecimento científico para introduzir inovação nos seus processos e produtos. São cada vez mais as que procuram integrar licenciados nos seus quadros. E também são cada vez mais as que procuram ambientes de crescimento conjunto e entreajuda, apoio para a internacionalização ou para acesso a fundos comunitários e outros financiamentos.

É urgente transformar este movimento numa tendência concertada e estruturada a nível regional, fomentando uma verdadeira cultura favorável à inovação.

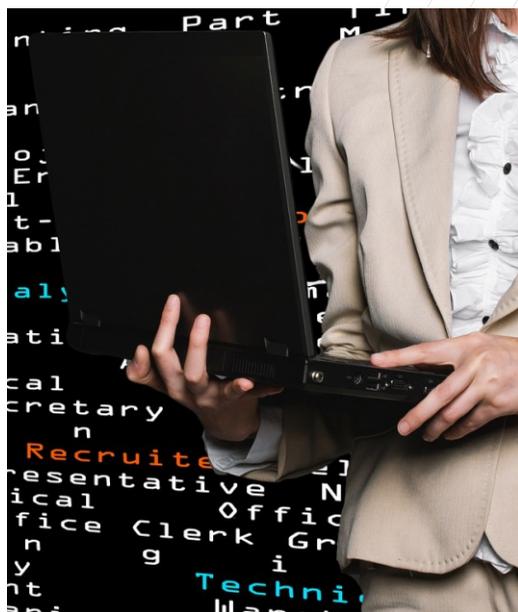
Sabemos que há fatores críticos que devem concorrer em conjunto para que tal aconteça: o desenvolvimento dos níveis habilitacionais e as competências técnicas dos empresários e dos recursos humanos que gerem (sem esquecer a valorização de competências e a aprendizagem ao longo da vida); o acesso a infraestruturas TIC bem desenvolvidas, com impacto na melhoria do acesso à informação relacionada com produtos inovadores, na

criação de mercados e na disseminação de novas ideias e de novas tecnologias; o acesso a financiamento público de apoio à inovação; e condições infraestruturais e institucionais de apoio à inovação, estruturadas em sistemas regionais de inovação, abrangendo os Centros de I&D (Universidades, Institutos Politécnicos ou outros centros de competências), entidades de interface e a envolvente empresarial, sustentando um processo de aprendizagem, absorção e posterior valorização económica do conhecimento, promovendo-se assim a inovação através de diferentes agentes.

Além do trabalho com os empresários instalados, é importante criar nos viveiros e incubadoras de empresas verdadeiras "escolas de negócios" onde quem tem uma ideia inovadora ou pretende abraçar um negócio tradicional e dar-lhe uma nova roupagem encontre o ambiente e o apoio certo, assim como criar uma cultura de empreendedorismo e de "prática da inovação" que percorra todos os níveis de ensino e contextos de aprendizagem extra-curriculares para encontrarmos o mais cedo possível os empresários do futuro: abertos à inovação, habituados ao risco, pre-dispostos para a cooperação e com o mundo como horizonte.

As instituições de ensino superior da região e outros centros de investigação têm, neste processo, um papel crucial. São os locais, por excelência, onde se alia teoria e prática e onde o conhecimento de base científica pode ser colocado de forma prática ao serviço das empresas.

Vários são os projetos em curso na região que são exemplo disso: melhoria da produção equina ("EQUI MAIS", Instituto Politécnico de



Portalegre, Instituto Politécnico de Santarém e Universidade de Évora); valorização do cardo (folha e flor) ("CynaraTeC", CEBAL, I. P. de Beja e Universidade de Évora); bioproteção do tomateiro contra a fusariose (Universidade de Évora); rega de sobreiros ("Regacork TraDE", Universidade de Évora); apoio à gestão de olivais e à certificação de material vegetativo de variedades de oliveira nacionais ("GESCERTOLIVE", Universidade de Évora e I. P. de Portalegre) ou o projeto PISTA - Partilha de Informação sobre a Sustentabilidade do Turismo no Alentejo, da Universidade de Évora.

A ADRAL - Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo, tem uma estratégia de longo prazo traçada com vista ao contributo para o estabelecimento de um ecossistema de inovação regional robusto e capaz de gerar aumentos de competitividade relevantes no tecido empresarial que o integra.

Com base na experiência desenvolvida ao longo das atividades de gestão de espaços de dinamização do empreendedorismo e inovação, a nível regional, nacional e internacional, a ADRAL adquiriu um vasto e sólido conhecimento sobre a implementação e desenvolvimento de iniciativas de empreendedorismo e aceleração de empresas e ideias.

Com a construção da Aceleradora Rui Nabeiro, a ADRAL pretende unificar num centro de inovação digital, os serviços de apoio técnico e os espaços de empreendedorismo da agência e fomentar uma permanente integração com parceiros chave, ao nível das instituições de ensino superior, dos municípios e serviços da administração pública, mas também de empresas âncora, líderes nas suas áreas, que possam contribuir com desafios e projetos para a aceleração e concretização de projetos geradores de valor para o território.

Mais do que uma obrigação face a um mundo em acelerada mudança, a criação de uma cultura de inovação deve envolver todos os agentes da região num desígnio único: garantir que a partir da nossa cultura e entorno natural construímos o nosso desenvolvimento futuro.

*João Grilo,
Presidente da Agência de Desenvolvimento
Regional do Alentejo (ADRAL) e Presidente da
Câmara Municipal do Alandroal*



// INOVAR, PARA AFIRMAR ALENTEJO COMO UM DESTINO SUSTENTÁVEL



Já antes da pandemia o turista vinha revelando motivações e preocupações que condicionavam as suas escolhas, procurando que o seu acesso e permanência nos destinos não tivesse consequências nocivas no ambiente, na cultura e na identidade de cada local, querendo também que a sua convivência com o local se traduzisse em benefício financeiro para este.

Essas tendências fundamentam uma estratégia inovadora para o desenvolvimento da atividade turística, que visa afirmar o *"Turismo como hub para o desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território, posicionando Portugal como um dos destinos turísticos mais competitivos e sustentáveis do mundo"* (ET 2027).

Com este objetivo fundamental estamos a colaborar para a concretização dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, prosseguindo uma intervenção que assenta na afirmação da atividade turística através de oito objetivos estratégicos:

1. Aumentar a procura turística;
2. Crescer a um ritmo mais acelerado nas receitas do que nas dormidas;
3. Alargar a atividade turística a todo o ano;
4. Aumentar as habilitações da população empregada no Turismo;
5. Assegurar que a atividade turística gera um impacto positivo nas populações residentes;
6. Incrementar os níveis de eficiência energética nas empresas do Turismo;
7. Impulsionar uma gestão racional do recurso água no Turismo;
8. Promover uma gestão eficiente dos resíduos na atividade turística nacional.

Assumimos como prioritário contribuir para transição energética e para a economia circular das empresas do setor, aposta-se no envolvimento de todos os agentes do setor num compromisso conjunto de transformação da oferta e sustentabilidade do destino e pretende-se estimular uma mudança de atitude em toda a cadeia de valor do setor, das comunidades aos turistas.

Isso será conseguido graças a um trabalho assente em 4 eixos de atuação, a saber:

I - ESTRUTURAR uma oferta cada vez mais sustentável

- Contribui para que o setor adote com rapidez e eficácia, medidas de eficiência ambiental;
- Influenciar os diferentes níveis da Administração Local, Regional e Central para que incluam nas políticas públicas do ordenamento do território e nos instrumentos de gestão territorial, as disposições que asseguram a sustentabilidade dos territórios e dos usos turísticos;

- Orientar a estruturação dos produtos e da oferta turística através de princípios de sustentabilidade;
- Contribuir para o impacto positivo do Turismo nas comunidades diminuindo as assimetrias regionais;
- Contribuir para a compatibilização das diferentes atividades com o Turismo;
- Desenvolver soluções orientadas para os desafios da sustentabilidade pelo ecossistema de inovação no Turismo;
- Investigar e inovar para a economia circular;
- Incrementar a digitalização na atividade das empresas.

II - QUALIFICAR os agentes do setor

- Apoiar a qualificação de jovens e profissionais para as práticas de sustentabilidade, enquanto agentes de mudança;
- Garantir a integração transversal dos pilares da sustentabilidade nos projetos educativos e formativos;
- Educar para a sustentabilidade e para a economia circular;
- Capacitar as empresas para a gestão sustentável da sua atividade e negócio;
- Capacitar os destinos turísticos para as exigências do planeta em termos de Sustentabilidade.

III - PROMOVER Alentejo como um destino sustentável

- Assegurar que o Alentejo é reconhecido como destino sustentável;
- Divulgar a oferta turística sustentável, em todo o território e ao longo de todo o ano;
- Promover a procura turística sustentável;
- Promover a mobilidade turística sustentável;
- Sensibilizar os turistas para comportamentos responsáveis.

IV - MONITORIZAR as métricas de sustentabilidade no setor

- Assegurar a monitorização contínua das métricas de sustentabilidade através de um quadro amplo e estável de indicadores;
- Garantir a disseminação de resultados.

No fundo, o turismo para o qual trabalhamos incorpora objetivos de desenvolvimento equilibrados, implica uma mudança de atitude de toda a cadeia de valor - destinos, empresas e turistas. Pretendemos o compromisso de todos com um turismo mais responsável, sensibilizando para a mudança de atitudes e de comportamentos mais conscientes, incentivando à adoção de boas práticas ambientais e sociais, com o objetivo de proteger e conservar os destinos. Um desafio que passa pelo envolvimento de empresas e turistas e um apelo para que as viagens se tornem um compromisso com o planeta, pois cada um é responsável por reduzir o impacto da sua viagem.

*António Lacerda,
Diretor Executivo da Agência
Regional de Promoção Turística do Alentejo
(ARPTA)*



As universidades e as empresas compartilham interesses que fundamentam alianças. Estas alianças incluem formação, investigação e transferência de conhecimento e de tecnologia. É com base nessa premissa que o Grupo Nabeiro-Delta Cafés tem procurado estabelecer relações de parceira com instituições académicas, nomeadamente através da promoção de estágios a alunos universitários que procuram ativamente experiências desta natureza e nas quais esta oportunidade representa um primeiro contacto para outras colaborações futuras. Colaboramos com alunos no âmbito do desenvolvimento das suas teses, disponibilizando informação da empresa ou divulgando o âmbito da sua investigação incitando uma colaboração conjunta com os colaboradores da organização. Formalizamos também protocolos de colaboração, participando em ações de reflexão estratégica, em seminários ou aulas abertas. Colaboramos com instituições que disponibilizam os seus estudantes de MBA em trabalhos de consultoria de negócio para

ajudar as empresas a resolver desafios de negócio, expandindo neste caso os horizontes de colaboração.

Estes têm sido alguns dos caminhos encontrados para promover a transferência do conhecimento do meio académico e apoiar a comunidade estudantil numa fase de validação de conhecimentos. A aprendizagem experiencial proporcionada por estes meios promove o ambiente ideal para fomentar a inovação, um dos nossos pilares estratégicos.

Como organização acreditamos no papel das universidades na economia do conhecimento, com um apoio crescente à inovação e na facilitação do desenvolvimento económico regional, por meio das atividades de transferência de conhecimento. A procura de soluções inovadoras é constante e uma das soluções passa, sem dúvida, por otimizar sinergias do conhecimento desenvolvido no meio académico e da sua transferência para o meio empresarial.

Cada vez mais fazem sentido os processos de cocriação de inovação, que promovem de forma conjunta a geração de ideias, a criatividade e a cocriação de inovação, com envolvimento em simultâneo e em espaço próprio, de jovens estudantes, do tecido empresarial e docentes do ensino superior, que são atores facilitadores da implementação deste processo.

De forma estruturada procuramos desenvolver sinergias com vista à transferência de conhecimento dentro da nossa organização assim como entre a mesma e as comunidades académicas e empresas emergentes com quem trabalhamos, as quais nos desafiam e ajudam a

ampliar o nosso conhecimento, a crescer e a inovar, todos os dias.

Acredito que a inovação nasce da partilha e do confronto de ideias entre todos, mas que também cresce com os falhanços inevitáveis, floresce com a paixão e com o envolvimento de cada um de nós. É nesse sentido, que acredito no poder e na necessidade cada vez maior de partilha e de comunicação, para que haja uma adaptação continuada aos sinais que vamos recebendo do mercado.

Esta partilha de conhecimento será fundamental para nos ajudar a encontrar novos caminhos, procurando e disponibilizando soluções que nos ajudem a ultrapassar algumas das presentes preocupações através de uma participação ativa. Será através desta partilha de conhecimento que iremos ver chegar novas visões sobre os diversos negócios, novas gerações de profissionais e um público cada vez mais ativo e participativo fundamental para o crescimento social e económico do nosso país.

Rui Miguel Nabeiro,
CEO do Grupo Nabeiro-Delta Cafés



// DO ALENTEJO E DA INOVAÇÃO



O Alentejo é a maior região do território continental, ocupando quase um terço de Portugal. Contudo, essa imensidão de espaço alberga uma população reduzida, apenas 6,8%, e essa é a sua principal fraqueza para que a região se possa desenvolver a um ritmo mais forte.

Embora os alentejanos afirmem que aqui existe "qualidade de vida", parece que essa situação não é suficiente para fixar os jovens porque a população do Alentejo diminuiu 11,6% entre 2011 e 2021, e mesmo Évora, o principal concelho, viu o seu universo de pessoas reduzir-se em 5,4%, o que significou uma saída de cerca de 3000 pessoas que foram viver noutras regiões do país ou saíram para o estrangeiro.

Para além da perda de população, a participação do Alentejo no PIB é de cerca de 6,4%, o que não é muito significativo, estando o rendimento e o investimento praticamente nos mesmos

níveis. Por isso, a dinâmica económica desta região não tem 'músculo' suficiente para competir com outras zonas do país.

Releva ainda a fraca capacidade de influência política que o Alentejo apresenta, face à sua reduzida população. Dos 230 deputados à Assembleia da República apenas oito representam os distritos de Portalegre, Évora e Beja. Todavia, apesar de ter um peso reduzido face às principais regiões do país, o Alentejo tem algumas vantagens competitivas. Desde logo, a sua dimensão permite que aqui se pratique uma agricultura que não é viável noutros locais, sendo exemplo a produção animal em regime extensivo. Por um lado, o preço dos terrenos também tem aqui uma vantagem face às situações que existem no litoral e, por outro lado, a paisagem e a arquitetura que aqui existem atraem um número considerável e crescente de turistas.

Apesar de algumas situações adversas, um conjunto ainda significativo de empresas tem feito no Alentejo a sua vida e tem tido a capacidade de se adaptar e de sobreviver neste ambiente. Uma dessas empresas é a TE Connectivity que está presente em Évora há 52 anos mantendo uma atividade constante e crescente ao longo destas décadas. Quando aqui chegou, em 1969, foi uma empresa que fez a diferença conseguindo marcar uma posição industrial numa região agrícola. Nos últimos anos outras empresas multinacionais aqui chegaram o que tem contribuído para um aumento da participação do setor industrial na região.

A inovação pode ser definida como aquilo que é novo, como uma coisa nova, uma novidade.



Quando se pensa em inovação imagina-se um produto novo, um novo processo ou um novo serviço, que é o resultado de um processo de investigação e desenvolvimento que acabou por ser colocado no mercado e onde pode ser adquirido. "Quando imaginamos 'inovação', tratamos de ver o fenómeno como uma inovação radical ou uma descoberta importante de um produto ou serviço introduzido pela primeira vez num determinado local"¹, refere Soumodip Sarkar.

Nos dias de hoje, a inovação provém dos laboratórios das universidades ou das empresas e, no Alentejo, a Universidade de Évora é a instituição de referência nesta matéria, embora se destaquem também os Institutos Politécnicos de Portalegre e de Beja. Do lado empresarial as maiores empresas existentes na região também vão produzindo alguma investigação, embora as empresas multinacionais tenham, muitas vezes, essas funções agregadas noutras latitudes enquanto por aqui se dedicam mais à produção propriamente dita,

por isso, esta matéria não tem sido uma prioridade no setor industrial.

Um olhar sobre os números relativos à despesa em investigação e desenvolvimento, de acordo com os dados do Anuário Estatístico da Região Alentejo, publicado em 2020, Portugal, em percentagem do PIB, gastou 1,32%, mas a região do Alentejo ficou aquém desse valor tendo apenas investido 0,56%, sendo a sua distribuição feita por empresas, com 54,4%, e pelo ensino superior com 45,4%. Apenas para referência, salienta-se que os doutorados do ensino superior em áreas científicas e tecnológicas por cada mil habitante representam 0,18, enquanto no país esse número é de 0,79.

Outro dos aspetos que sobressai quando se olha para a capacidade de produzir investigação e inovação é a dimensão das empresas que existem nesta região, praticamente dominada por pequenas e médias empresas que não têm massa crítica suficiente para ir além da gestão do dia a dia. Para 96,9 % das empresas alente-

¹SARKAR, Soumodip, 'EntreSutra', New Delhi, Bloomsbury India, 2018 (tradução livre)

²DRUCKER, Peter F., 'Inovação e Gestão', Lisboa, Presença, 1986

janas, o número de trabalhadores é inferior a 10. Com este cenário, é difícil apresentar resultados em termos de inovação, porque falta a dimensão e o necessário financiamento a este tipo de atividades, para além do risco que é preciso saber assumir quando se desenvolvem projetos de investigação.

O resultado da inovação poderá revelar-se através do número de patentes que são concedidas e, em Portugal, de acordo com dados do *World Intellectual Property Indicators*, foram registadas 1874 patentes em 2020, enquanto a vizinha Espanha registava 10170, o que revela o desempenho português nesta matéria.

Num mundo que muda a velocidade como nunca se viu, as empresas têm de fazer da inovação uma prática corrente. Peter Drucker faz referência a esta situação afirmando que "os empresários têm de procurar deliberadamente as fontes de inovação, as mudanças e os seus sintomas, que assinalam oportunidades para inovação bem-sucedida."² Neste sentido, as empresas buscam a inovação de forma constante, seja ela através de novos produtos, novos processos de produção ou novas oportunidades de negócio.

Todavia, essa necessidade pode e deve ser completada através de uma relação mais forte com as universidades, de modo que os centros de saber e as empresas possam ter objetivos comuns em termos de inovação. Mariana Mazzucato, vê estas parcerias como uma economia de missão de modo a criar valor coletivamente. "As missões têm que ver com trazer um alto nível de objetivo estratégico para a criação de valor. São um reconhecimento de que o crescimento não tem só uma taxa como uma direção - e essa direção deveria ter um objetivo"³, refere a economista. No mesmo sentido, a atual ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Elvira Fortunato, numa entrevista ao jornal Expresso, sublinha que para se preencherem os concursos para os projetos que o Governo vai financiar, estes terão de ser apresentados por "consórcios coordenados por empresas onde é obrigatória a participação de universidades ou centros de investigação, porque as empresas não podem gerar mais inovação se não tiverem o conhecimento que vem das universidades"⁴.

Na TE Connectivity a inovação faz parte do seu ADN, por isso investe a nível mundial quase 700 milhões de dólares em investigação e desenvolvimento. A empresa tem mais de 15.000 patentes e emprega cerca de 8.000 engenheiros. A força do seu esforço em investigação valeu a pena e hoje 20% de suas vendas vêm de novos produtos. Através da inovação, capacitação e integridade, a TE Connectivity compromete-se com projetos de melhoria contínua no seu desempenho, para permitir atingir a próxima geração de tecnologia industrial. Nesse sentido, a relação entre a universidade e a TE Connectivity tem tudo para se tornar mais forte e, sobretudo, mais frutífera em termos de resultados.

*António Nabo,
TE Connectivity*

³MAZZUCATO, Mariana, 'Economia de Missão, Lisboa, Temas e Debates, 2021

⁴AZEVEDO, Virgílio, 'Entrevista Elvira Fortunato', jornal Expresso, Edição 2525, de 19 de março de 2021.

//A PLANÍCIE ALENTEJANA NO CENTRO DE INOVAÇÃO EM PORTUGAL



O Alentejo reúne à partida excelentes condições naturais para acolher e sediar empresas e organizações das mais variadas áreas e em particular aquelas mais vocacionadas para a inovação. Tem, contudo, algumas lacunas que importa corrigir se quisermos ganhar esta corrida para a qual estamos a partir já com algum atraso, relativamente a outras regiões do nosso País, como é o caso de Aveiro, Braga e Porto.

Começando pelas boas condições naturais que importa preservar, o Alentejo é a região europeia com mais horas de sol por ano, o que é reconhecidamente bom para a saúde, bem-estar e o humor dos seres humanos. A vastidão das planícies alentejanas, não pára de surpreender quem nos visita, apresentando sempre tonalidades diferentes em função da época do ano. O ambiente que por cá se respira é, portanto, puro, saudável e belo.

Se a estas condições naturais que Deus nos deu e que, repito, importa muito preservar, adicionarmos a simpatia das suas gentes e a gastronomia alentejana, diria que o Alentejo tem tudo para atrair as melhores empresas, sobretudo aquelas que pretendem dar aos seus trabalhadores as melhores condições de trabalho, que, para as empresas que são inovadoras por vocação, não se esgotam nas diferentes componentes do denominado "pacotesalarial".

Vamos agora às más notícias, começando a introduzir a minha experiência pessoal enquanto responsável por uma empresa tecnológica portuguesa, que investiu na região em 2010 e aqui tenho localizadas as 3 mais importantes Direções da empresa, entre as quais destaco a que trata do tema da Transformação Digital e aquela que desenvolve projetos, soluções e serviços de Inovação e Desenvolvimento.

Enquanto responsável estou satisfeito com as condições naturais a que em cima fiz referência? Estou, claro. E isso chega para que a empresa possa crescer e de forma continuada, oferecer ao mercado soluções inovadoras nas áreas da transformação digital das organizações públicas e privadas, das cidades inteligentes, da cibersegurança, da modernização e da digitalização dos processos operativos das organizações? Não. Não chega!

Para que seja possível o desenvolvimento da empresa no sentido dos objetivos definidos, na procura de novos serviços e soluções, são precisos recursos humanos qualificados. Esta, é, pois, nos últimos anos, uma das maiores

lacunas com que nos temos confrontado. Por um lado, os estabelecimentos de ensino superior da região não têm tido capacidade para formar técnicos em quantidade e nas especialidades que a indústria mais necessita; por outro lado, no sentido de colmatar aquela insuficiência, a região não tem tido capacidade para atrair jovens técnicos formados fora do nosso território, apesar das excelentes condições naturais existentes a que já fiz referência em cima.

Então o que é necessário fazer para resolver esta equação?

A UÉ e os Politécnicos devem desenvolver a sua atividade de formação de técnicos em maior proximidade e articulação com as empresas empregadoras, adequando os cursos e os conteúdos programáticos às necessidades do mercado e dessa forma garantindo à partida a empregabilidade rápida dos seus alunos.

Complementarmente, é preciso desenvolver o mercado da habitação a custos controlados, tornando-o capaz de atrair jovens de fora da região e decorrente deste crescimento demográfico, construir outras infraestruturas que se tornarão necessárias e indispensáveis: creches, parques, escolas, centros de saúde, espaços lúdicos...

Finalmente, apelo a que as diferentes organizações intervenientes no processo (Universidade, Politécnicos, Autarquias e os diferentes organismos do Governo Central) façam a sua parte. Pelo nosso lado, já estamos a procurar casas, apartamentos, ou simples quartos que se encontrem devolutos para neles poder alojar os jovens que vindos de fora não têm onde ficar. Se todas as partes interessadas fizerem a sua parte e puxarem na mesma direção, estou seguro de que aumentaremos de forma sustentada a atratividade do Alentejo.

Manuel Silva,
Presidente do Conselho de Administração Decsis(*)
Sistemas de Informação SA

(*) A Decsis é uma empresa portuguesa, com sede social em Évora, líder de um grupo empresarial ibérico, especializada e focada na prestação de serviços tecnológicos, reconhecida pelo mercado como uma empresa fornecedora de serviços de elevada qualidade, com uma oferta de serviços especializados, de onde se destacam a Transformação Digital, Inovação e Desenvolvimento, Data Center, Cibersegurança, Cidades Inteligentes, IOT, Big data e Analítica. Mais detalhes em www.decsis.eu

Neste momento a Decsis tem aprovados e em fase de execução 2 Projetos inovadores na área da saúde, com a participação da Universidade de Évora. São eles os projetos BEST e isALICE.

A Decsis lidera ainda um projeto apresentado no âmbito do PRR: D2 - Digital Diabetes, com um orçamento total de 28.5 M€, em que a UÉ também participa.

Finalmente, a Decsis tem participado em diversas iniciativas da UÉ, como é o caso da sua presença na Cátedra de HPC e o protocolo estabelecido sobre o supercomputador Vision.

// O DESAFIO DA INOVAÇÃO SOCIAL NO ALENTEJO



Em março passado decorreu, no Centro de Inovação Social da Fundação Eugénio de Almeida, mais um encontro de incubadoras de inovação social, estruturas que visam promover e apoiar novas iniciativas de empreendedorismo social as quais, caso alguém com sucesso os seus fins, se poderão consolidar em inovação social.

Deste encontro informal, deliberou-se criar uma Rede Nacional de Incubadoras de Inovação Social, uma iniciativa ela própria inovadora, que poderá articular-se com o recém-criado Centro de Competências Nacional para a Inovação Social e com a estrutura de missão Portugal Inovação Social, criada em 2013 para alavancar recursos públicos comunitários neste domínio temático.

Esta rede, a constituir-se em breve, permitirá congregiar esforços entre as várias incubadoras nacionais - neste momento estão criadas mais de 30 incubadoras - contribuindo para a visibilidade do sector, para desenvolvimento de projetos de capacitação, investigação e desen-

volvimento, enfim, constituindo-se como o suporte de apoio e legitimação destas estruturas, criadas no âmbito do quadro comunitário que se encontra a terminar.

Os desafios sociais na nossa região necessitam, sem dúvida, de novas respostas, desenvolvidas pelas empresas e sociedade civil, mas serão mais impactantes com a robustez qualificadora que uma Academia liderante e visionária pode conferir.

É fundamental, como tenho referido por diversas vezes, que as nossas instituições de Ensino Superior e Politécnico se aproximem deste domínio temático, contribuindo na qualificação e preparação de jovens profissionais - este é um mercado de emprego emergente - no desenvolvimento de projetos de investigação e na participação em projetos internacionais, alinhados, aliás, com as prioridades europeias e com a nossa Estratégia Regional de Especialização Inteligente e o futuro Programa Operacional, o qual terá, tudo indica, especificamente um Eixo temático sobre este tema.

A Inovação Social apresenta-se hoje como um *driver* para novas *startups* e negócios de impacto, para novos instrumentos financeiros e de financiamento, para desenvolvimento de novos produtos e serviços de base digital, para contribuir para sustentabilidade do sector da economia social - que tem um peso muito expressivo no nosso território - focada, sempre, em contribuir para solucionar os desafios sociais que as comunidades sentem.

O compromisso que os países das Nações Unidas estabeleceram em 2015, fixando 169 metas alinhadas em 17 Objetivos de Desen-

volvimento Sustentável, são mais um alinhamento político que estimula este sector. São precisas novas soluções para dar resposta aos desafios globalmente elencados e localmente impactantes.

A Universidade de Évora, tanto quanto nos é dado a conhecer, tem vindo a desenvolver projetos de investigação neste domínio, bem como tem vindo a estimular os seus estudantes para desenvolver alguma investigação nesta área. Todavia, é necessário ir mais longe.

A Inovação Social, tal e qual como é hoje entendida e promovida ao nível das políticas públicas, será um eixo transversal e omnipresente, uma área profissional de futuro, que vai requerer recursos humanos qualificados, em diferentes domínios, quer seja nos ciclos iniciais de formação quer seja em especializações ou outras formações. Portugal é hoje olhado, a nível europeu e mesmo mundial, como um exemplo, e este movimento não vai parar, antes, vai incrementar a sua presença em diferentes níveis.

O contributo que a Universidade de Évora pode vir a dar nesta área temática dependerá da capacidade de articular projetos, desenvolver parcerias, captar recursos, promover a investigação e ser ela própria, como sempre tem sido, um polo de inovação e de conhecimento sólido na nossa região. Sei que poderemos contar com a nossa Universidade de Évora!

*Henrique Sim-Sim,
Coordenador da Área Social e de Desenvolvimento
da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)*





Completa-se hoje um ciclo de 29 edições da TREZE.

Todas saíram no dia 13 de cada mês, independentemente do dia da semana, de ser feriado ou não, de ser em período de férias ou não. Todas, exceto esta.

No início, sobravam dedos de uma mão para contar as pessoas que acreditaram ser possível manter mensalmente, com qualidade, uma publicação deste tipo.

Definir uma temática, planear a edição, realizar os contactos explicando o que se pretende de cada um, insistir e tornar a insistir quando os prazos já foram ultrapassados, editar os textos, rever, comentar e tornar a rever depois da conceção da edição pela designer (pessoa fundamental neste processo, com

um brio profissional enxcedível), ... contratempos, picos de stress, ..., tudo e muito mais fez parte desta experiência maracante.

Com trabalho, esforço e dedicação tudo se consegue.

E conseguiu-se!

A TREZE passou a ser uma referência debatendo, dinamizando e difundindo as áreas de atuação da DIC2E (durante muito tempo, GAITEC). Tem trazido reflexões, opiniões e visões, de dentro e de fora da academia, da região e de fora da região, de áreas muito diferentes da sociedade. Tem dado a conhecer-nos melhor, mesmo dentro da própria universidade, mostrando a enorme qualidade que temos no que fazemos.

E tem contribuído certamente para o notável salto que a Universidade de Évora deu nos últimos anos no estímulo da inovação, da transferência de conhecimento, do empreendedorismo e da cooperação, com um foco muito grande na empregabilidade dos nossos estudantes.

Lendo o editorial deste número, e a definição de inovar, penso que não é descabido considerar que **com a TREZE inovámos**.

E este número mostra que estão reunidas as condições para termos um Alentejo com muita Inovação.

*Paulo Infante,
Pró-Reitor da Universidade de Évora*

REGISTE-SE UÉVORA PARA A VIDA!

Conheça as vantagens:

- ✓ Papel importante e ativo na vida académica
- ✓ Formação e capacitação no âmbito do empreendedorismo e inovação
- ✓ Participação em programas de capacitação no âmbito do empreendedorismo enquanto mentor/formador
- ✓ Possibilidade de obtenção da chancela Spin-off UÉvora
- ✓ Apoio na mediação de propriedade industrial
- ✓ Acesso a divulgação de oportunidades de financiamento nacionais e internacionais
- ✓ Participação nos programas de capacitação e aquisição de competências: workshops de Soft Skills, Aconselhamento e Gestão de Carreiras, Mercado de Trabalho.
- ✓ Participação nas sessões de recrutamento
- ✓ Acesso ao Portal do Emprego da Universidade de Évora
- ✓ Entrada gratuita no Colégio Espírito Santo
- ✓ Possibilidade de 13% de desconto: a) no restaurante Cozinha do Cardeal; b) Todos os artigos da Loja Molina; c) Inscrição dos filhos na Summer School
- ✓ Acesso às bibliotecas e requisição de livros
- ✓ Aluguer de espaços (salas, auditórios, espaços exteriores, instalações desportivas) nos edifícios da universidade a preços mais competitivos
- ✓ Utilização dos canais institucionais para divulgação e promoção de projetos profissionais e de voluntariado desenvolvidos por alumni
- ✓ Acesso direto a publicações periódicas da Vice-Reitoria para o Empreendedorismo, Inovação e Cooperação (ex: Revista TREZE)
- ✓ Conjunto de descontos e vantagens em comércio e serviços externos à Universidade de Évora (a disponibilizar brevemente)



#alumniuevora



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DIC2E

// UMA VISÃO PARA O FUTURO

Vice Reitoria para a Inovação,
Cooperação e Empreendedorismo

// Áreas de atuação

A DIC2E - Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade da Universidade de Évora tem por missão ser o ponto de ligação da Universidade de Évora à sociedade. É responsável pela dinamização e regularização das relações com o tecido empresarial, pela promoção do empreendedorismo, da inovação e da empregabilidade.

➤ **Promove a Transferência do Conhecimento** através de atividades de I&D Aplicada e da construção de uma plataforma de conhecimento.

➤ **Promove a cooperação** a nível nacional/ internacional.

➤ **Trata dos processos de candidaturas a estágios**, apoia os estudantes e Diretores de Curso nos procedimentos e faz a divulgação de diversos tipos de estágios.

➤ **Dá apoio ao primeiro emprego** através da realização de workshops de aquisição de competências, organiza sessões de recrutamento, gere a plataforma de emprego e realiza estudos de empregabilidade envolvendo os diplomados.



➤ **Implementa estratégias** que procuram apoiar e promover **startups e spin-offs**.

Dá apoio técnico aos pedidos de patentes, procura a visibilidade e valorização das patentes existentes e organiza seminários e ações de formação sobre a temática.

➤ **Candidata projetos transversais e estruturantes** que procuram a transferência de conhecimento para o tecido empresarial e estejam relacionados com a inovação e o empreendedorismo.

➤ **Realiza atividades integradoras dos Alumni**, conferindo robustez ao edifício académico na sua tripla dimensão: Educação, Investigação e Inovação.

➤ **Compreende a Unidade de Gestão dos Laboratórios** da Universidade de Évora (UÉLab).

// Em que pode a DIC2E ajudar-me?

Se é investigador ou docente da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Tem alguma invenção;
- Quer proteger ou valorizar a sua propriedade intelectual;
- Quer esclarecer dúvidas sobre patentes;
- Quer participar num programa de inovação;
- Pretende avaliar se é possível ver negócio onde apenas vê ciência;
- Quer criar uma empresa com base em tecnologia desenvolvida na Universidade;
- Conhece uma empresa que ofereça desafios aos investigadores da Universidade de Évora ou interessada em receber conhecimento produzido na Universidade.



Se está fora da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Precisa de estabelecer uma relação de parceria entre uma entidade e a UÉvora;
- Tem uma empresa e pretende recrutar colaboradores ou estagiários;
- Tem uma empresa e quer recrutar estudantes da Universidade de Évora;
- Pretende fazer uma ligação com os investigadores e tomar conhecimento das inovações feitas.



Se és estudante da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Tens dúvidas sobre processos de recrutamento ou preparação da carreira profissional;
- Queres desenvolver as tuas *soft skills*;
- Pretendes realizar um estágio extra-curricular ou de verão;
- Queres candidatar-te a uma bolsa de estágio profissional;
- Queres encontrar o teu 1º emprego.



// DIC2E numa Universidade dinâmica

- Concursos de ideias inovadoras;
- Seminários sobre propriedade intelectual e empreendedorismo;
- Seminários temáticos direccionados para as empresas;
- Sessões de preparação para os processos de recrutamento e entrevistas de trabalho;
- Divulgação de ofertas de bolsas e sessões de esclarecimento sobre como procurar e realizar uma candidatura a estágios;
- Organização de bootcamps temáticos;
- Organização da Semana do Empreendedorismo e da Feira da Empregabilidade;
- Workshops de Soft-Skill e Aconselhamento de carreira.



DIC2E

CASA CORDOVL



Lounge



Museu



Labs



Start



Eventos

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

PROPRIEDADE INTELECTUAL

CURADORIA DE INOVAÇÃO



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

SERVIÇOS DA REITORIA

DIVISÃO DE INOVAÇÃO COOPERAÇÃO EMPREENDEDORISMO E EMPREGABILIDADE

Contactos

Casa Cordovil

R. Dom Augusto Eduardo Nunes 7 | 7000-651 | Évora

gaitec@reitoria.uevora.pt

<https://www.uevora.pt/inovar>

Procure o **D!C2E** nas redes sociais



Ficha Técnica

Título | TREZE

Coordenação | Reitoria da Universidade de Évora - D!C2E

Edição | Paulo Infante

Design | Divisão de Comunicação e D!C2E

Fotografia | Divisão de Comunicação

ISSN 2184-8467